

Primeiro passo: a construção da rotina tolerável

O desmonte do clima pessimista e o resgate de valores perdidos na crise são fundamentais para que o Brasil consiga chegar a um consenso sobre a utopia que irá perseguir

SIDNEI BASILE

Quando o presente fica muito difícil, é inevitável o impulso de refugiar-se no passado ou no futuro. Este é o esporte preferido do Brasil neste momento. Tornou-se uma obsessão nacional, preenchendo todos os espaços, como o ar que nos rodeia. A camada de ozônio que nos cobre pode ter buracos, mas essa densa atmosfera, feita de inquietação, curiosidade e medo, não. Ela nos envolve completamente, com o gancho pontuado da interrupção, que nos fissa a cada momento: O real vai dar certo? A inflação vai cair? A quem aproveitará? E quem ganha, em consequência disso, na corrida presidencial? E se ganhar, o que fará? A crise vai amainar? Ficaremos mais seguros, no atacado e no varejo? E, dúvida suprema, ganharemos a Copa do Mundo? O que será de nós, se não ganharmos? Já não foi tudo melhor, afinal de contas, no passado — seja no da democracia, seja no da ditadura?

Substituímos a dúvida metódica cartesiana pelo ceticismo metódico pós lei de Gerson. Já sabemos que ninguém leva vantagem (vantagem duradoura, pelo menos) em um clima de desorganização e descontentamento rotineiro como o que estamos vivendo. Mas estaremos preparados para a desmontagem do pessimismo?

Não parece haver pergunta mais importante a responder, nem é realista pensar na formação de qualquer agenda nacional antes de atinar com as causas desse desânimo medonho, desse medo do futuro, desse mal-estar da incivilização em que nos metemos, ou, na outra face do espelho (a corrupta), o fantástico bem-estar da vida pantanosa. É como se estivéssemos vivendo num pedaço da galáxia regido por Darth Vader, o arquivilão de *Star Wars*, sem ânimo suficiente para escapar ao Lado Escuro da Força.

O melancólico é que, apartados de nossos valores, perdemos a cada dia um pouco mais. Cortamos faróis vermelhos, picamos muros, remarcamos, praguejamos com o prazer estético e existencial que só tem paralelo nos toxicômonos e nos alcoólatras — com a agravante de que, como estamos nisso há muito tempo, já estamos por conta da ressaca, vivendo o inferno dos drogados. E a culpa? Bem, claro, é dos outros: do governo, do Congresso, dos sindicatos, dos jornais, das notícias, dos bandidos, da polícia, dos ricos, dos pobres. O inferno, disse Sartre, são os outros.

Por conta de tudo isso construímos um cotidiano intolerável, que vai ao paroxismo da estética da delinquência. Os antigos valores da convivência, da cordialidade e até mesmo da doçura atávica do povo brasileiro foram pelo ralo; sobram fragmentos de imagens nostálgicas deles, vez por outra numa novela ou em um comercial de margarina.

Realizou-se a profecia de Carlos Drummond de Andrade em *Sentimento de Mundo*. Este é um "tempo de absoluta depuração". É, definitivamente, um tempo em que nos vemos perdidos da noção de bem comum, de solidariedade social.

Nossa crise só é tão profunda porque transcende programas econômicos e políticos (deixa, portanto, de ser estranho o fato de não os termos quando faltam pouco mais de cem dias para as eleições presidenciais).

Vivemos um momento em que não temos clareza de vantagens efetivas da vida gregária, que supõe concessão, tolerância, generosidade — um sentimento mínimo, básico, de civismo, que é o coração do regime republicano, por definição leigo, igualitário, libertário, legal e justo.

Como reformar uma Constituição, se sequer conseguimos pactuar o refreamento dos ânimos belicosos que permite o florescimento do bem comum? Não é apenas o tamanho do Estado que deve ser discutido, ou a limitação dos cartórios e dos interesses corporativos, ou a reordenação política da representação da Nação. É preciso que se forme um consenso mínimo não apenas sobre as reformas estruturais, ainda que muito necessárias, mas também sobre que utopia iremos perseguir.

Os psicanalistas costumam dizer que os homens sonham porque é nos sonhos que delineiam suas estratégias de sobrevivência, seja encaixando neles seus terrores, seja sublimando seus desejos e, através disso, criando as condições de enfrentar o cotidiano.

Ora, o que nos falta é recuperar essa capacidade de sonhar, para podermos articular uma utopia viável para o Brasil. As energias gastas na concepção dessa utopia esvaíram-se logo que caiu o regime autoritário.

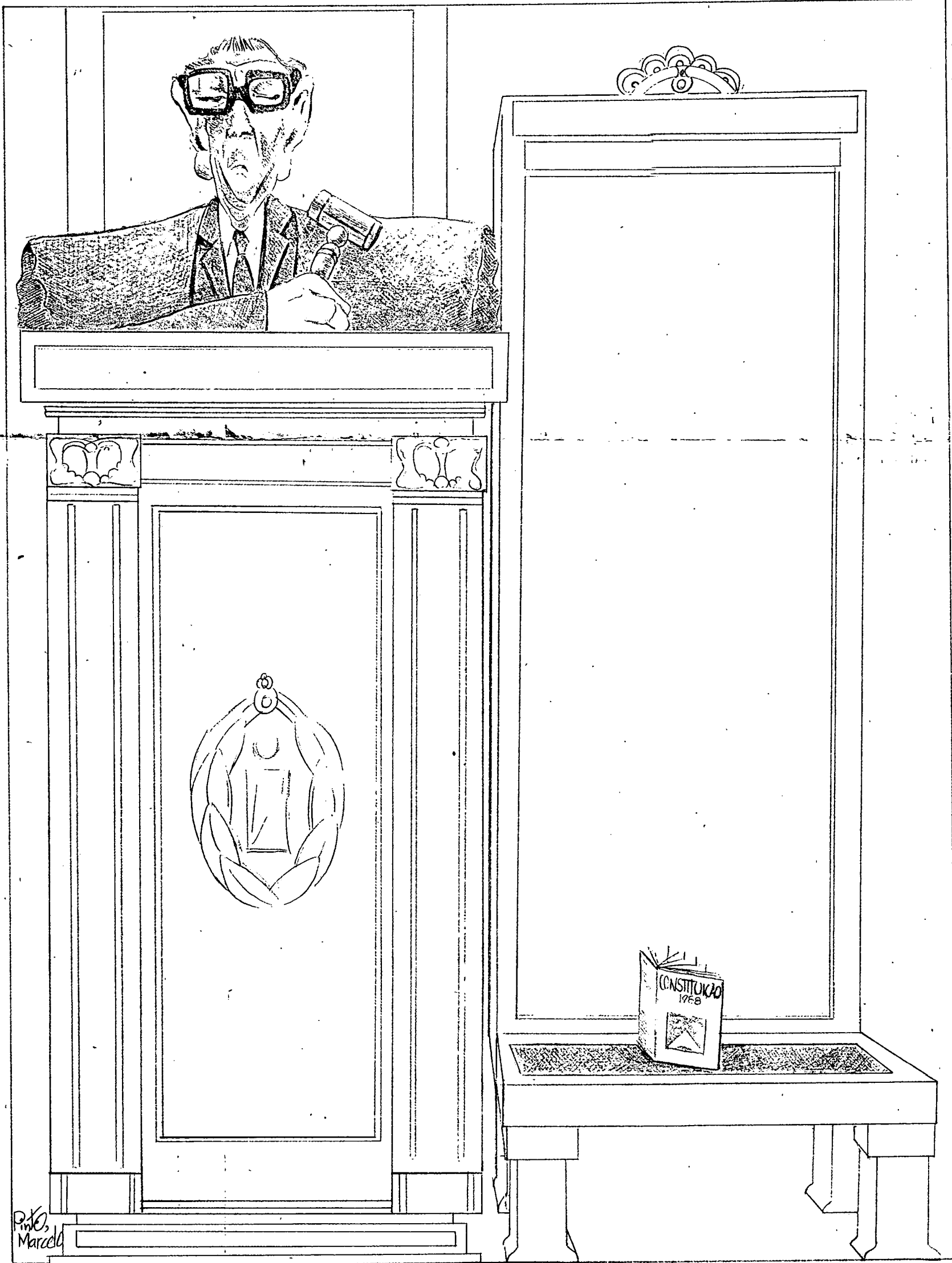
A margem de consenso que presidiu a formação da Nova República era tão fina quanto o fio de esperança que nos mantinha pendentes da recuperação de Tancredo Neves, e depois disso esvaiu-se em grandes esperanças concomitantes com grandes decepções.

No caminho, o povo brasileiro aprendeu a ver como funciona o andar de cima, e ruiu, no imaginário nacional, a idéia da casa grande que tinha condições de administrar a senzala.

Estávamos alforriados do regime autoritário, mas quem mandava, afinal, eram os mais espertos. Depois do impeachment do primeiro presidente eleito em 30 anos, até isso ruiu.

A demanda de ética na sociedade brasileira deriva daí, e é tão forte que antecede até mesmo a demanda de sobrevivência das instituições. Por isso estamos sendo audaciosos.

Há um clamor pelo cumprimento do princípio segundo o qual todo o poder emana do povo, até mesmo porque, durante muito tempo, vivia-se como se todo povo emanasse do poder, e em seu nome fosse vivido.



Este é o miolo de nosso problema. Em 500 anos de história, 100 anos de República, tivemos poucos períodos, preciosos como o atual, de exercício da vida democrática. É preciso consolidar a funcionalidade, o prestígio e a autoridade das instituições democráticas.

Tudo começará a andar melhor quando Executivo, Legislativo e Judiciário passarem a ser vistos como bens valiosos pelo conjunto da população — e passarem a funcionar melhor.

Esse é o grande trabalho que precede, permeia e resulta da formulação de qualquer agenda nacional. É também a lição de casa de nossas elites, ainda por fazer.

Ofuscada pelo exercício intenso e desajeitado da liberdade, nossa geração culpa a claridade. Terá já, tão cedo, esquecido a cegueira das trevas? Esperamos que não.

■ Sidnei Basile é jornalista e diretor do Citibank

RESUMO

■ Ninguém leva vantagem duradoura em um clima de desorganização e descontentamento rotineiro como o que estamos vivendo.

■ Não é realista pensar na formação de qualquer agenda nacional antes de atinar com as causas desse desânimo.

■ Nossa crise só é tão profunda porque transcende programas econômicos e políticos.

■ É preciso que se forme um consenso mínimo não apenas sobre as reformas estruturais, ainda que muito necessárias, mas também sobre que utopia iremos perseguir.